

“Aberta e patente a todos”:

Os quinhentos anos (pelo menos!) da Biblioteca da Universidade de Coimbra

A. E. MAIA DO AMARAL

RESUMO

Compila-se uma breve história da Biblioteca da Universidade de Coimbra, que será objeto de um livro a editar este ano (2013). Trabalho de bibliotecários (para variar), de arquitetos e de historiadores de arte, que pretende focar-se nos contributos relevantes que a BGUC trouxe à história da biblioteconomia portuguesa.

ABSTRACT

The General Library of Coimbra University is commemorating 500 years (at least) of existence. A book on its history not written by historians but by librarians will be issued this year (2013) and highlights the long contribution of BGUC to the history of Portuguese librarianship.

PALAVRAS-CHAVE

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA, HISTÓRIA
BGUC
BIBLIOTECA
SÉC. XVI
EFEMÉRIDES



500 Anos da Biblioteca da Universidade de Coimbra

«A Livraria da Universidade para ser útil ao Público e facilitar por seus grandes subsídios os progressos das Artes e das Ciências deve estar abundantemente provida de livros e mais comodidades literárias, aberta e patente a todos e servida por oficiais que residam nela.»

(António Ribeiro dos Santos, [Preâmbulo à] *Minuta para o Regimento da Livraria da Universidade*, cerca de 1777/78)

Neste ano em que, pela primeira vez neste século, por Despacho Reitoral se mandou encerrar a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) durante 15 dias em agosto (para poupar nas despesas fixas de funcionamento do edifício), talvez valha a pena recordar a epígrafe acima, do doutor António Ribeiro dos Santos. Porque neste «aberta e patente a todos» é todo um programa que se desenha para a biblioteca, que, antes dele, tinha estado fechada imenso tempo. Que não deve ser posto em causa.

MAIS DE QUINHENTOS ANOS!

Quando a universidade se mudou da sede henriquina para o edifício manuelino¹, em Alfama, antes de 1503, já possuía «setenta livros de toda ciência que estavam na dita livraria nas Escolas Velhas». É desconhecida, portanto, a data da fundação da Livraria (isto é, da biblioteca) na Universidade de Lisboa-Coimbra. Uma vez que o primeiro documento que se refere à «Livraria do Estudo» é uma ata de 17 de fevereiro de 1513, foi esta a data (tardia é certo, mas inquestionável) que determinou a comemoração dos 500 anos da Biblioteca neste ano de 2013. O documento de 1513, manda consertar um cano que deixava entrar água na «livraria», portanto se a biblioteca não era velha, era velho e degradado o edifício onde ela estava. Por tudo isto, dizemos **500 anos pelo menos!** Mas, só quinhentos que sejam, já bastam para que seja a mais antiga biblioteca

¹ Complexo edificado por D. Manuel «em forma e disposição de Escolas Gerais», originalmente o Paço do Infante, doado pelo Rei e ao qual a Universidade e o Rei acrescentaram, por compra, vários edifícios contíguos.

ainda em funcionamento, em todo o mundo lusófono. Independentemente de ter estado fechada uns quantos...

UMA HISTÓRIA POR ESCREVER

O Centenário que agora se celebra começou por nos permitir a revisitação da história da biblioteca, que apresentava grandes lacunas, e vai proporcionar a realização de um congresso internacional, que ajude a repensar-lhe o futuro. Porque passado e futuro são anverso e reverso da mesma medalha.

Este ano, vai ser publicada uma história da biblioteca, escrita a várias mãos² e coordenada pelo autor destas linhas. Ao longo desse trabalho fomos ficando com uma ideia mais clara de uma biblioteca de livros acorrentados às estantes, durante todo o século XVI, na mão de sucessivos «guardas da livraria», uns mais capazes e mais interessados do que outros. E que, durante o século seguinte, andarão sempre mal instalada até à decisão real de construir a Biblioteca Joanina, em 1716. Proprietária orgulhosa dessa nova «Casa da Livraria», a Universidade havia, contudo, de demorar quase cinquenta anos para aprontar os catálogos e abri-la ao público. Foi só no reinado de D. Maria, em 1777, que a velha «Livraria» se passa a chamar «Biblioteca da Universidade», e o seu responsável passa a ser um «Bibliotecário». O primeiro seria deles seria o Doutor António Ribeiro dos Santos, que, depois de 19 anos de excelente trabalho feito em Coimbra, foi chamado a Lisboa, para fundar a Biblioteca Nacional.

O TEMPO DOS «GUARDAS DA LIVRARIA»

Além de ter recebido, antes de 1508, a importante doação de «cinquenta e oito volumes de livros de Teologia, Cânones e Leis e Artes, que deixou o Licenciado Diogo Lopes por sua morte ao dito Estudo, todos encadernados»³ e de, em 1513, estar a meter água como vimos, pouco mais sabemos. Só em 1535⁴ se pode confirmar que ocupava uma sala térrea (depois, talvez um primeiro andar) e, no ano seguinte, um Inventário⁵ esclarece-nos como se organizava em 24 «estantes» (meras prateleiras, com seis ou sete volumes cada uma), dispostas 12 de cada lado de um corredor central. Tinha, então, 151 livros, maioritariamente de Cânones e Leis.

Depois da transferência para Coimbra, os Estatutos de 1544 (perdidos) contemplariam a existência de um «guarda da livraria», com funções de vigilância e de limpeza

2 Participaram Maria José Otão da Silva Pereira, Maria de Fátima Bogalho, Carla Ferreira, João Pedro Cardoso Gomes da Costa e Pedro Miguel Ferrão, com coordenação de A. E. Maia do Amaral.

3 Termo de entrega da doação, de 17 de fevereiro de 1517.

4 Em 5 de março de 1535, a Universidade solicitava ao rei que se «possa levantar a casa da livraria e sobradar, porquanto estando térrea da maneira que está, se danifica a livraria com a humidade.»

5 Inventário da Livraria do Estudo, de 8 de junho de 1536.

dos livros e obrigado a assegurar um horário de abertura de dois períodos diários. Como diz Fernão Lopes de Castanheda, ao requerer aumento de ordenado:

«... abrir a porta dela, cada dia duas vezes, e de cada uma delas há de estar aberta duas horas (...) é necessário estar ele presente de cada vez ou ter um homem que olhe por isso, e assim há de ter os livros limpos, para que não envelheçam, e desempoados, para que se não comam do bicho.»

O cronista Castanheda, acabado de chegar da Índia, é o mais antigo responsável, com o título de «guarda do cartório e livraria» (isto é, do arquivo e da biblioteca) de que se conhece a nomeação⁶.

Os *Estatutos* de 1591 aumentam o horário de abertura e tornam o ofício mais exigente. O capítulo *Da Livraria* foi profundamente revisto e muito acrescentado:

«... a pessoa que tiver cargo da dita casa, e chave dela, será bom latino, e saberá grego e hebraico, sendo possível, e terá conhecimentos dos livros para os saber ordenar (...) haverá uma cátedra [cadeira] bem alta na dita livraria, da qual se possa bem ver tudo o que se fizer em toda a casa (...) Terá [o guarda] cuidado de limpar os ditos livros, sacudi-los do pó e mandar varrer a casa ao menos duas vezes na semana.»

COMO FUNCIONAVA?

Classificada por Faculdades (e respetivas cadeiras) desde o início, os livros estavam presos com correntes, varões e fechaduras:

«... os livros de todas as Faculdades postos em estantes, e presos por cadeias, e repartidos e ordenados na melhor maneira e ordem que poder ser (...) e porá [o guarda] escrito à porta da dita livraria, assinado pelo dito Reitor, (...) que entrarem na dita casa sob pena *praestiti juramenti*, que não tirem nenhum deles livro algum, nem ponham neles cotas, e quando se forem, os serrem e fechem por todas as brochas que os livros tiverem; e assim que não falem uns com outros de maneira que estorvem os que estiverem estudando...»⁷.

Segundo os *Estatutos* de 1559, a biblioteca seria pública para «lentes, estudantes e quaisquer pessoas outras», o que a torna a mais antiga biblioteca portuguesa aberta à generalidade dos leitores, muito antes de existir o conceito de «biblioteca pública».

Conservou os livros acorrentados até aos inícios do século XVII e, quando o «Matemático» André do Avelar os vem a desencadear, não terá sido pelas melhores razões. Todo esse século foi um período negro para o país e também para a Universidade e para a sua «livraria»: em 1638, estava encaixotada e posta em tábuas de bordo, à mercê do desinteresse dos seus responsáveis e da cobiça dos jesuítas:

«Há na Universidade uma casa da livraria nova de todas as ciências, com seus caixões,

6 Nomeação de 5 de novembro de 1545; tomou posse do cargo de «guarda da livraria» apenas, em julho de 1547.

7 Estatutos de 1559, Cap. 59.

que está posta de bordo, e os livros encadernados em bezerro atamarado com as armas da Universidade, e se tem gastado nesta livraria muitos cruzados e está encarregada ao cartulário e guarda dela, que ora é Francisco Barreto de Sousa, e deve haver inventário deles. Porém cada vez se vai diminuindo e os padres da Companhia [de Jesus] levaram alguma parte dos livros antigos»⁸.

A PERMANENTE «DANÇA» DAS INSTALAÇÕES

No âmbito da reforma dos «gerais» da universidade que o reitor Nuno da Silva Teles (1.º deste nome) promoveu, entre 1696 e 1702, a biblioteca foi reinstalada (no mesmo local que ocupava desde 1537), agora embelezado com uma sobreporta esculpida por Claude de Laprade. Mas a nova obra não durou e, poucos anos depois, os livros tiveram de recolher ao cartório pela ruína da livraria. E o reitor Nuno da Silva Teles (2.º) comunica ao Rei o seu desejo de comprar uma biblioteca particular por 10 ou 12 mil cruzados, acrescentando que para a sua acomodação «era necessário fazer-se uma casa (...) por ser pequena e escura a que ao presente há»⁹. D. João V concordou e mandou construir a Biblioteca Joanina, que terá a sua primeira pedra solenemente colocada, em presença do reitor, em 17 de julho de 1717.

Mas, ter edifício novo e livros não era suficiente: a biblioteca estava pronta em 1728, mas a universidade não a abriu, por não ter conseguir aprontar os catálogos. Talvez por não os ter cometido, desde o início, a um bibliotecário, como bem notava, em 1751, Filipe Maciel, deputado da Mesa da Consciência e Ordens: «... que tendo feito a Universidade de Coimbra uma tão extraordinária despesa no material da sua Livraria, tanto no corpo do edifício, quanto no número de livros que para ela se tem comprado, necessariamente devia haver um bibliotecário»¹⁰.

O TEMPO DOS «BIBLIOTECÁRIOS», COM ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS

A Reforma Pombalina, estabeleceu o primeiro e modesto quadro de pessoal:

BIBLIOTECÁRIO	200\$000
DOIS SERVENTES PARA A LIMPEZA DA BIBLIOTECA	[120\$000]
SUBALTERNOS DO BIBLIOTECÁRIO (...) E PARA AMBOS	120\$000 ¹¹

8 Madahil, A. Gomes da Rocha – “A Biblioteca da Universidade e as suas marcas bibliográficas”. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Vol. 10 (1932), p. 220.

9 Carta parcialmente transcrita na Provisão de 22 de outubro de 1716.

10 Fonseca, Fernando Taveira da – *A Universidade de Coimbra (1700-1771) Estudo Social e Económico*. Coimbra: Por ordem da Universidade, 1995, nota 54, p. 790.

11 Provisão de 22 de outubro de 1772.

Mas, só no reinado de D. Maria I, mais de quarenta anos depois de concluída a nova «Casa da Livraria», será nomeado o primeiro «Bibliotecário», o doutor António Ribeiro dos Santos. A Carta Régia da sua nomeação, de 9 de outubro de 1777, será o primeiro documento oficial onde, em substituição da velha palavra «Livraria», ocorre uma designação nova, «Biblioteca da Universidade» e onde o seu responsável é chamado «Bibliotecário».

Já chamado «o primeiro bibliotecário português», Ribeiro dos Santos escreveu o que cremos ser o primeiro texto de pensamento bibliotecário e biblioteconómico, em português. Trata-se da *Minuta*¹², que se conserva em manuscrito na BNP e de onde retiramos a epígrafe deste artigo.

Ribeiro dos Santos tinha defendido, pela primeira vez nessa *Minuta* o depósito de «um exemplar de cada um dos livros que se imprimirem nestes reinos»¹³, ou seja a figura do «Depósito Legal» que não tardaria a concretizar para a sua fundação lisboeta, mas que demorou a chegar a Coimbra. Contudo, internamente, definiram, logo em 1790, pelo «Regimento da Imprensa da Universidade», o depósito de «De todas as obras que a Oficina imprimir, terá o Administrador [da Imprensa] o cuidado de mandar logo dois exemplares encadernados para a Biblioteca da Universidade»¹⁴.

BIBLIOTECÁRIOS, INTERINOS E SUBSTITUTOS

Entre os Bibliotecários e Bibliotecários interinos e substitutos, passaram pela Biblioteca da Universidade personalidades de primeiríssimo plano, iluministas como Ricardo Raimundo Nogueira, cientistas políglotas como Joaquim dos Reis (pai), ou inovadores e vulgarizadores do calibre de um Augusto Mendes Simões de Castro ou um Augusto Filipe Simões.

O século de Oitocentos começou com a elaboração dos primeiros catálogos de matérias¹⁵, em forma de livro (sempre desatualizados), que só em 1872 passaram para catálogos de folhas móveis, localmente chamados «Macetes».

Trabalhou na Biblioteca no final do século XIX um escol de estudiosos de primeira linha, entre os quais Augusto Filipe Simões, que já tinha sido bibliotecário em Évora. Homens apaixonados pelas novas tecnologias da sua própria época (como a fotografia)

12 Santos, António Ribeiro dos – “Minuta para o Regimento da Livraria da Universidade de Coimbra”. *Ribeiro dos Santos. Obra*. vol. 94. BNP Cód. 4676, fols. 189-204 v.º.

13 *Minuta*, f. 189 v.º. O Depósito Legal será estabelecido em 1798, em favor da Real Biblioteca Pública da Corte.

14 Alvará de 9 de janeiro de 1790.

15 A partir de 1843, começaram a ser elaborados catálogos classificados por Faculdades e com rubricas de assunto apesar de, em geral, se considerar que «... até 1840, praticamente nenhuma biblioteca tinha índice de assunto de seus acervos...» (Ortega, Cristina Dotta – “Relações Históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação”. *DataGramaZero- revista da Ciência da Informação*. 5, n.º 5. Out. 2004).

e pela edição, iniciaram o *Archivo bibliographico*¹⁶, primeiro ensaio de *Boletim* da Biblioteca.

Potenciado por um intercâmbio ativo de publicações próprias com outras bibliotecas, começa a consolidar-se uma imagem de credibilidade, que faz, por exemplo, com que Henri La Fontaine contacte a universidade a fim de obter a colaboração da Biblioteca com a Organização Internacional de Bibliografia Científica, em 1896¹⁷, ou que H. Teulié lhe escreva pedindo um exemplar do *Regulamento* para auxiliar na preparação do das bibliotecas universitárias de Lyon (França)¹⁸. No final do século, a Biblioteca criou o *Catálogo Metódico* ou por secções, inaugurado em 1900. Veio a ser o modelo de classificação oficialmente adotado para as bibliotecas eruditas, logo a seguir à implantação da República, em 18 de março de 1911.

O TEMPO DOS «DIRETORES» E DA SEGUNDA «BIBLIOTECA NACIONAL»

Em 1901, a designação de «Diretor» dada ao professor nomeado para dirigir a Biblioteca da Universidade fica oficializada pelo Decreto da *Reforma dos Estudos da Universidade de Coimbra*.

O século XX assiste a ampliações de instalações, à estabilização do Depósito Legal (1931) e do chamado «Serviço Noturno» (1934), todavia praticado desde dezembro de 1897, pelo menos.

Pode perguntar-se: proporcionando a Biblioteca um serviço de leitura para um público alargado e com um horário generoso, qual seria a sua eficácia do ponto de vista da frequência de leitores, na primeira metade do século XX? Os relatórios de 1940-1944 são esclarecedores: A Biblioteca tinha então «mais do dobro dos leitores da Biblioteca Nacional de Lisboa e metade do seu pessoal, além de assegurar uma continuada produção de catálogos impressos e do *Boletim*»¹⁹.

Se não antes (desde a criação das «bibliotecas eruditas?»), o estatuto «nacional» da Biblioteca Geral fica explícito pelo Decreto n.º 20.180 de 7 de agosto de 1931:

16 21 números publicados pela Imprensa da Universidade, entre 1877 e 1878. Uma nova série iniciar-se-ia em 1901.

17 [Carta, 1896, abr.] Bruxelas, de Henri La Fontaine [Secretário Geral do *Office International de Bibliographie*] para Reitor da Universidade de Coimbra [António Augusto da Costa Simões] solicitando a colaboração da Biblioteca da Universidade com a Organização Internacional de Bibliografia Científica.

18 [Carta], 1894, jul. 16, Lyon, de H. Teulié [para] Monsieur Bernardo de Serpa Pimentel [*Bibliothécaire de la Bibliothèque Universitaire Coimbra*].

19 Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral – *Serviço Público da Biblioteca da Universidade de Coimbra* [Em linha] : *guião da exposição*. Coimbra: BGUC, mar. 2010, p. 6. <<http://www.uc.pt/bguc/Documentos2010/CausaPublica>>.

«De entre as bibliotecas nacionais é sem dúvida a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra uma das mais importantes, grandioso repositório de muitas preciosidades bibliográficas.»

A instalação na Faculdade de Letras de Coimbra, em 1935, do único curso de Bibliotecário-Arquivista de nível superior²⁰ no país, deu à Biblioteca mais protagonismo e mais responsabilidades (assegurando estágios curriculares, por exemplo) e ajudou à criação de um ambiente favorável a um maior progresso biblioteconómico.

O NOVO EDIFÍCIO E O DESAFIO DA MODERNIDADE

O *élan* definitivo será dado pela entrada em funcionamento do novo edifício (1962), que permitiu uma profunda mudança de processos²¹, um enorme incremento dos fundos²², o nascimento de uma consciência de «classe» dos Bibliotecários-Arquivistas²³ e os primórdios da internacionalização dos seus técnicos mais qualificados: em 1965, Jorge Peixoto visita bibliotecas que se estavam a informatizar nos Estados Unidos, Maria Teresa Pinto Mendes e outros fazem estágios profissionais no estrangeiro e preparam na BGUC as primeiras traduções portuguesas das ISBD's (1974).

O interesse pela informática nascente começou ali muito mais cedo do que em qualquer outra biblioteca portuguesa, tendo a BGUC tentado propor a informatização das bibliotecas universitárias a partir de 1973/74 e sido a primeira biblioteca portuguesa a usar um computador para imprimir catálogos, em 1979.

UMBERTO ECO E OS MORCEGOS DA JOANINA

Da sua passagem por Coimbra, Eco deixou-nos esta recordação:

«Agora, vou contar-lhes uma história divertida. Visitei a biblioteca de Coimbra,

20 Existia em Lisboa, desde 29 dez. 1887, mas passa para Coimbra pelo Decreto-Lei n.º 26 026 de 7 nov. 1935.

21 Introduz-se a reprografia mecânica das fichas, que mudam para o formato internacional 7,5x12,5 cm.

22 Estabelece-se, por exemplo, como biblioteca depositária de publicações das Nações Unidas e das suas agências.

23 Pelas circunstâncias de Coimbra ter tido na sua *Cidade Universitária* a maior concentração de Bibliotecários por km² em Portugal, a primeira revista profissional para bibliotecários foi criada na Biblioteca Geral (julho de 1963) e também aí foi redigido o primeiro anteprojeto de *Estatutos* de uma Associação de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (1964), que viria a ser a BAD.

em Portugal. As mesas estavam revestidas de um pano de feltro verde, um pouco como mesas de bilhar. Pergunto a razão dessa proteção. Respondem-me que é para proteger os livros dos excrementos dos morcegos. Porque não eliminá-los? Muito simplesmente porque eles comem os vermes que atacam os livros.»²⁴

A memória de Eco atraçou-o, não pode ter visto panos de feltro verde, mas magníficas capas de couro, as mais antigas delas adquiridas nos finais do século XVIII, o que, aliás, nos permitirá datar a introdução das colónias de morcegos na Biblioteca Joanina.

O esplendor dourado desta biblioteca barroca («Brilho do Saber» lhe chamou Francisco Máximo num recente documentário televisivo) atraiu-lhe todas as referências possíveis além de Eco, na literatura, na fotografia, na banda desenhada, e presença em todos os numerosos *topten* que hoje se fazem a propósito de tudo e de nada. No capítulo de distinções honrosas, a Joanina foi escolhida como «a mais bela biblioteca universitária do mundo» (2011) pelo portal *Flavorwire* e pelo guia internacional *Flavorpill*, de Nova Iorque.

Domesticamente, a Biblioteca Geral no seu conjunto (e não apenas a sua parte patrimonial) foi a primeira biblioteca a obter a distinção da Marca do Património Europeu (*European Heritage Label*), em 2007, uma classificação que em Portugal abrange apenas a abolição da pena de morte, a Catedral de Braga e o Convento de Jesus em Setúbal.

A terminar, o nosso desejo é que a BGUC saiba fazer deste rico património de 500 anos (pelo menos!) suficiente lastro para um futuro ainda melhor.

24 Eco, Umberto e Jean-Claude Carrière – Conversas conduzidas por Jean-Philippe de Tonnac – *A Obsessão do Fogo*. Lisboa: Difel, 2009.